

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO  
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR  
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA**

**IWARETE KAIABI**

**O CASAMENTO PARA O POVO *KAWAIWETE***

**Barra do Bugres  
2016**

**IWARETE KAIABI**

**O CASAMENTO PARA O POVO *KAWAIWETE***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbours, como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Me. Luciano Pereira da Silva

**Barra do Bugres  
2016**

## FICHA CATALOGRÁFICA

### CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

**K13c KAIABI, Iawarete.**

O casamento para o Povo *Kawaiwete* / Iawarete Kaiabi. – Barra do Bugres, 2016.

54 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. (colorido).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura Intercultural Indígena, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientador: Prof. Me. Luciano Pereira da Silva.

1. Povo *Kawaiwete*. 2. Cultura. 3. Casamento. 4. Identidade. I. Silva, L. P. da, Me. II. Título.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

**IWARETE KAIABI****O CASAMENTO PARA O POVO KAWAIWETE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Licenciatura Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Barra do Bugres, 27 de abril de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Me. Luciano Pereira da Silva  
Professor orientador

---

Prof. Me. Francisco Forte Stuchi  
Professor Avaliador

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regiane Cristina Custódio  
Professora Avaliadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mônica Cidele da Cruz  
Coordenadora do Curso de Licenciatura Intercultural

**Barra do Bugres  
2016**

## DEDICATÓRIA

À comunidade da aldeia *Moitara* pela sabedoria ainda muito bem conservada para a identidade cultural.

À todos os autores consultados para descrever os *Kawaiwete*.

A minha esposa Aruata Kaiabi e ao meu filho Mairekat Kaiabi.

Aos meus pais Mairata Kaiabi e Rywukat que sempre sonharam com meus estudos.

À minha tia Rearejup Kaiabi que me aconselhou para que eu aproveitasse melhor os meus estudos.

Aos meus irmãos Pirapor'ri Kaiabi, Matarekatu Kaiabi, More'ap Kaiabi, Orema Kaiabi, Rywe'ap, Porinajup Kaiabi, Maianê Kaiabi, Kangai'wi Kaiabi, Porop Kaiabi, Mairun Kaiabi, Rywowy Kaiabi, Ta'riowy Kaiabi e Tymaire Kaiabi pela força em enfrentar os desafios.

A coordenação e sua equipe que sempre incentivou em vencer os desafios.

Ao meu sogro Momot Kaiabi e minha sogra Kunharop Kaiabi que sonharam com a minha graduação.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradecer a *Maimai'ri, Tujarare* (Deus) pela presença em toda a trajetória da minha vida. Agradecer aos conhecimentos retransmitidos pelos meus avôs Tymakang Kaiabi (paterno) (*in memorian*) e Kupekangi Kaiabi (materno) *in memorian*.

À comunidade *Kawaiwete* da aldeia Moitara pela realização deste trabalho.

Ao meu pai, Mairata Kaiabi e minha mãe Rywukat, que sempre me acompanharam na minha dedicação durante todas as etapas intensivas.

À minha esposa, Aruata Kaiabi e meu filho Mairekat Kaiabi, pelo incentivo e paciência aos estudos.

Aos meus tios, Korotowy Taffarel, que serviu de exemplo nos estudos alcançados.

Principalmente, a todos entrevistados: Etu'i Kaiabi, Reakatu, Mairata Kaiabi, Rywukat Kaiabi, Pirapo'ri Kaiabi, Matarekatu Kaiabi e Mairare Kaiabi que me ajudaram na realização desta pesquisa.

Aos professores auxiliares e coordenação indígena dos cursos de Magistério Projeto “Pedra Brilhante” e “*Haiyô*”.

Ao órgão não governamental Instituto Socioambiental – ISA pela execução do Magistério Projeto “Pedra Brilhante”.

À Secretaria de Estado de Educação –SEDUC pela execução do Projeto *Haiyô*.

Agradecer também à Fundação Nacional do Índio – FUNAI pelo deslocamento de ida para UNEMAT e volta para aldeia.

À Coordenação Técnica Local Diauarum pela concessão de transporte para o deslocamento. Não esquecendo a Escola Indígena de Educação Básica *Malamalali*, da etnia *Paresi* pela realização e colação de grau do ensino médio dos professores indígenas do projeto *Haiyô*.

À equipe da Diretoria de Gestão de Educação Escolar Indígena na UNEMAT, e ao ex coordenador Prof. Elias Renato da Silva Januário e sua equipe.

Ao professor Wellington Quintino pela realização da etapa presencial em julho de 2013.

Ao professor Adailton e sua equipe em dar continuidade as etapas presenciais.

À UNEMAT, pela oportunidade de fazer parte da história da Faculdade Intercultural Indígena.

Finalmente, ao professor Luciano Pereira da Silva, pela orientação para realização deste trabalho.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão do curso foi realizado a partir de uma pesquisa na aldeia *Moitara*, do povo *Kawaiwete*, pertencente ao estado de Mato Grosso. O objetivo foi valorizar a cultura e fazer com os jovens fortaleçam a identidade cultural. A pesquisa se deu a partir de roteiros, entrevistas e questões com os anciãos, adultos e jovens, gravação e fotografias de alguns adornos e objetos. Também consultei trabalhos de autores que já fizeram pesquisas sobre o tema. Durante a pesquisa, encontrei muitas dificuldades para escrever este trabalho, pois os entrevistados, muitas vezes, tinham que realizar suas atividades, e alguns moram muito distantes da minha aldeia. Em outros momentos, viajavam para outra aldeia e cidades para resolver problemas particulares. Eles são os principais e mais importantes contadores de histórias e sábios da aldeia.

**Palavras-chave:** Povo *Kawaiwete*. Casamento. Identidade. Cultura

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

<b>ATIX</b>	Associação Terra Indígena Xingu
<b>DSEI - Xingu</b>	Distrito Sanitário Especial Indígena do Xingu
<b>FUNAI</b>	Fundação Nacional do Índio
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de geografia e estatística
<b>ISA</b>	Instituto Socioambiental
<b>LDBEN</b>	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
<b>MT</b>	Estado de Mato Grosso
<b>PIN</b>	Parque Indígena Nacional do Xingu
<b>PIX</b>	Parque Indígena do Xingu
<b>SESAI</b>	Secretaria Especial de Saúde Indígena
<b>SIASI</b>	Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena
<b>TCC</b>	Trabalho de Conclusão do Curso
<b>TIX</b>	Terra Indígena Xingu
<b>UNEMAT</b>	Universidade do Estado de Mato grosso

**LISTA DE TABELA**

Tabela 1 –	Lista dos objetos feito até os 16 anos .....	23
Tabela 2 –	Lista dos adornos feito até os 16 anos .....	23

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	As meninas tecendo redes e aprendendo novos desenhos. ....	15
Figura 2 –	Pescaria de um menino com o pai. ....	15
Figura 3 –	A mãe e irmã preparam a comida. ....	16
Figura 4 –	Os tipos de desenhos de peneira usados para tecelagem ....	17
Figura 5 –	Tear <i>Kawaiwete</i> .....	18
Figura 6 –	Os adornos das crianças em diferentes idades para o pescoço e pulso .....	19
Figura 7 –	O tratamento da barriga das mulheres em diferentes idades antes da gravidez. .....	20
Figura 8 –	Os professores confeccionando corda de arco .....	21
Figura 9 –	Cordas dos arcos e flechas confeccionados. ....	22
Figura 10 –	A criança é alimentada enquanto brinca e treinada para se equilibrar .....	25
Figura 11 –	O cuidado da menina com a criança .....	25
Figura 12 –	O cuidado da menina com a criança de colo.....	26
Figura 13 –	Colares e saias femininas .....	27
Figura 14 –	O uso de saias e miçanga feminina .....	27
Figura 15 –	O uso de adornos e objetos masculino e feminino na <i>festay'afu</i> . ....	28
Figura 16 –	A criança em outro espaço à esquerda e a criança engatinhando e seus adornos de pulso à direita.....	29
Figura 17 –	Adornos Tataju'ã, pescoço Inata Simet e cintura Mo'yrete'i'i.....	30
Figura 18 –	Menino trançando um cesto paneiro de cipó imbé.....	31
Figura 19 –	A tatuagem masculina e feminina. ....	33
Figura 20 –	Os tatuados, adornos e objetos masculinos na festa de formatura. ....	33
Figura 21 –	A festa jowosi povo Kawaiwete.....	39
Figura 22 –	Alunos fazem pesquisa na escola à esquerda e a direita em na casa do pesquisado .....	48
Figura 23 –	Construção da casa tradicional na aldeia <i>Tuiarare</i> .....	49
Figura 24 –	Velho na escola fazendo objetos desconhecidos do passado .....	50
Figura 25 –	Os anciãos (Ka'rauu e Chico) elaborando cestos para demonstrar para os alunos.....	50

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I – CONTEXTO HISTÓRICO .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO II – FORMAÇÃO DO CONHECIMENTO.....</b>	<b>14</b>
2.1 A preparação dos meninos e meninas.....	14
2.2 A cultura material e o aprendizado entre meninos e meninas .....	30
2.3 As tatuagens.....	31
<b>CAPÍTULO III – O CASAMENTO .....</b>	<b>34</b>
3.1 A cerimônia do casamento.....	34
3.2 Tipologia do casamento .....	35
3.2.1 Casamento combinado.....	35
3.2.2 O casamento proibido .....	36
3.2.3 O casamento pedido.....	36
<b>CAPÍTULO IV – O CASAMENTO NOS DIAS ATUAIS.....</b>	<b>40</b>
<b>CAPÍTULO V – MORADIA DO CASAL.....</b>	<b>42</b>
5.1 Divisão de trabalho entre os moradores da casa: esposa e sogra - marido e sogro.....	44
<b>CAPÍTULO VI – PASSADO E PRESENTE NA ESCOLA: ALUNOS PESQUISADORES E A COMUNIDADE.....</b>	<b>48</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>53</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda o processo de formação do homem e da mulher indígena *Kawaiwete* para o casamento. Discute-se e analisam-se as responsabilidades destes ensinamentos na formação dos jovens para o casamento. As consequências do desconhecimento e não cumprimento das regras é considerado como mau comportamento sobre a educação adquirida pelos pais. A comunicação e tratamento para se dirigir aos pais da moça, sogro e sogra e parentes são importantes. Conhecer a conversa existente entre sogros e noivos durante a cerimônia de casamento, as atividades realizadas no passado e no presente e os saberes sobre os objetos na longa duração são estudados nessa pesquisa sobre a cerimônia de casamento.

## CAPÍTULO I – CONTEXTO HISTÓRICO

O povo *Kawaiwete* é tradicionalmente da Terra Indígena *Kayabi/Apiaká*, porém foram transferidos para outro território que não lhes pertencia, na Terra Indígena do Xingu, antes Parque Indígena do Xingu. Os *Kawaiwete* que vieram da região da atual Terra Indígena *Kayabi/Apiaká* para a Terra Indígena Xingu, na divisa de Mato Grosso com o Pará, têm por autodenominação o sentido de serem considerados um povo gigante ou *Kawaiwarete* (*kawaip*-povo e *rete* - gigante), sendo denominados de *Kayabi* pelos não indígenas. Na verdade, autodenominam-se *Kawaiwarete*, segundo o que consta no Projeto Político Pedagógico – PPP (2010), da Escola Estadual Indígena Central Diauarum.

Documentos históricos, laudos antropológicos, relatos orais e pesquisa acadêmicas analisadas pelo etnoarqueólogo Francisco Stuchi afirmam que os *Kayabi* que historicamente habitavam o vale do médio rio Teles Pires no Mato Grosso, ao serem pressionados pelos processos de colonização do Brasil Central, se deslocam e passam a ocupar o baixo Teles Pires, no início do século XX”.

Como exposto no texto de Índios em Mato Grosso (OPAN/CIMI, MT/1987):

Povo de língua tupi, orgulhoso e belicoso, os Kayabi são originários da região dos rios Teles pires e dos peixes, ao oeste do Parque, onde sofreu o contato violento de seringueiros. “Pacificados” em 1924 e em 1942, um primeiro grupo de cerca de 40 Kayabi foi encontrado pelos Villas Bôas no rio Peixoto de Azevedo em 1950 e convencidos a migrar para o Parque; em 1955 esse grupo já estava morando perto do Posto Diauarum. Outras duas levadas chegaram em 1966 e em 1970. Os Kaiabi do parque (um grupo deste povo permaneceu no Teles Pires, no Pará, outros habitam hoje uma no rio dos peixes, em Mato Grosso, próximo dos Apiaká) conservam suas tradições; ao invés de construir grandes aldeias distribuem sua população de mais de 300 pessoas por 14 malocas ao longo do Xingu, até a confluência do Manitsaua Missu e nas margens deste último. As malocas são unidades domésticas (famílias extensas) que produzem tanto seu próprio sustento como alimento básico do posto Diauarum, agricultores criativos e com uma rica e ambulante produção.

A transferência para a Terra Indígena do Xingu, devido ao conflito com os colonizadores, fez com que os irmãos Villas Boas efetivassem a transferência desse grupo, que teve como protagonista Prepori (Jepepy’ri) (*in memoriam*). De acordo com Grünberg (2004, p. 64), várias transferências foram realizadas entre 1955 e 1962, tornando-os, em 1964, o grupo mais numeroso que habitava o Parque Indígena do Xingu (PIX). (STUCHI, 2010, p. 24). Depois de uma década de conflito com os seringueiros, instalação de fazendas e vilarejos em nosso território e por mais de uma vez abandonados pelo SPI, a maior parte dos Kaiabi aceitou a proposta de mudança para o Alto Xingu, região que comporia o Parque Nacional do

Xingu (PIN), criado em 1961. Uma minoria permaneceu na região do baixo Teles Pires, mas não se sabe precisamente quantos vieram para o Xingu.

Os anciões que sobreviveram mantiveram-se fortes como sempre, fazendo roça e artesanatos, construindo casas, caçando e pescando onde se encontra a maior parte da população atualmente, no Parque Indígena do Xingu que depois passou a ser denominada Terra Indígena do Xingu criada com a luta dos irmãos Villas-Boas junto com os representantes indígenas da época, no governo do Getúlio Vargas.

[...]A expedição encontrou os Kaiabi em uma situação conflituosa e sem aparentes perspectivas de melhora. Os deslocamentos para outras áreas dentro do território e a resistência aos invasores não eram mais possíveis. Com exceção do missionário católico. João Dornstauder, cujas ações eram mais concentradas no rio Tatuí, nenhuma organização apoiava os índios na luta pelas terras. A atuação do Serviço de proteção aos índios na área era incapaz de assegurar a sobrevivência cultural do grupo, atuando muitas vezes conjuntamente com as empresas seringalistas no recrutamento dos índios para trabalhar na extração de látex. Restava a integração passiva nos seringais e a proposta apresentada pelos Villas Boas: mudar para o Parque Indígena do Xingu. A alternativa da mudança prevaleceu e tomou corpo em parte devido à atuação de Prepori, um dos principais líderes do grupo na época. (KLINTON SENRA), (Instituto Socioambiental – ISA-1999)

Habitam a terra indígena do Xingu e estão divididos nos rios Xingu, Arraias, Manissauá Missu, Manito e Suiá Missu, sendo 25 aldeias inclusa a Coordenação Técnica Local Diauarum – CTL, cada uma com gestão própria e união muito forte entre povo. Situam-se nas divisas com os municípios de Querência, São Felix do Araguaia, Feliz Natal e Marcelândia, e possui como referências de tratamento de saúde mais próximo as cidades de Sinop e Canarana, e CTLs Diauarum e Pavuru.

Os *Kawaiwete* estão presentes também nas aldeias Tatuí e Kururuzinho da Terra Indígena *Kayabi/Apiaká* localizadas em Juara e Alta Floresta. E conclui-se que as terras habitadas pelos *Kawaiwete* são Xingu, Rio Arraias, *Kayabi/Apiaká*, Batelão e *Kayabi*, totalizando 2.202 habitantes.

A população dos *Kawaiwete* cresceu acentuadamente no decorrer dos dois anos nas terras indígenas *Kayabi/Apiaká*, Batelão e Kaiabi, em especial, na TIX. Segundo dados do ISA, em 1999, somava 1.000 habitantes, por sua vez, o SIASI/SESAI em 2012, indicou 2.202.

A formação do conhecimento dos meninos, do seu nascimento e passando pela juventude tem por objetivo prepará-los para se casar, tais ensinamentos e boa educação são repassados pelos pais e seus familiares. Há dois momentos na formação, aquele que meninos e meninas adquirem saberes iguais, e outro que apenas o homem aprende. Por exemplo, o menino não deve fiar o algodão, pois é uma aprendizagem e atividade feminina.

## CAPÍTULO II – FORMAÇÃO DO CONHECIMENTO

### 2.1 A preparação dos meninos e meninas

O preparo dos brinquedos é importante nos primeiros dias de vida do bebê e na vida do casal e deve ser feito até os 6 anos de vida. Devido a esse fato, os pais insistem no ensinamento e educação dos filhos para facilitarem a sua vida no futuro, quando aplicados, os pais reconhecem que realmente se sustentarão com facilidade. As dificuldades para preparar seus filhos com qualidade ocorrem quando os pais não conseguem ensiná-los por falta de conhecimento que não souberam adquirir, diferente dos filhos dos sábios que possuem maiores facilidades em realizar suas atividades quando casados.

Logo após o nascimento, o casal e também os avós, irmãos e tios podem participar da confecção destes brinquedos, os quais podem ser preparados da madeira de guarantã (*ypero'wyp*). É feito em casa o reminho para os recém nascidos (masculino e feminino), o arco e flecha que são pendurados na rede em que a mãe dorme com o bebê.

Outro brinquedo em forma de pilãozinho (miniatura do verdadeiro) é feito do galho cortado pelo serrador (inseto), é usado no punho da rede. Para o bebê de sexo masculino esse artefato não possui orifício. O sentido é para que seja um bom pescador e caçador e quando estiver moço ou moça, casado ou casada, serem trabalhadores e trabalhadoras para a família. Dessa maneira, não dependerão dos outros para se sustentar.

Os adornos são pulseira, colares de tucum para cintura e pescoço. *Inaja'warea* é o colar de pescoço feito especialmente para as crianças. As aprendizagens se complementam com o crescimento de formas distintas. Com 1 ano e meio, os pais pingam remédio ou *ka'aruru*, espécie de erva do brejo, no olho da criança que chora muito, são teimosas ou porque algum mau espírito causa tais comportamentos. Como, por exemplo, quando comeu piau e matrinxã, por isso, os pais, muitas vezes, proíbem tais alimentos e podem decidir furar as orelhas quando a criança não ouve tais conselhos dos pais.

Quando estiverem com quatro anos de idade, os pais e irmãos podem convidar os tios, avós e irmãos para comer e tomar mingau, assim será ensinada: a forma de oferecer alguma coisa com muita educação aos parentes, tratar com respeito irmãos e tios e a obediência aos pais, irmãos e parentes de segundo e terceiro grau.

A menina, com os sete anos, pode buscar água e fiar algodão com a mãe, isso facilitará quando tiver que confeccionar a sua própria rede (Figura 1). O mesmo ocorre com a tipoia para carregar criança de colo, enfeites para dançar na festa *Jowosi* e *Ya'fu* durante a vida

solteira e de casada. O menino, com a mesma idade, pesca sozinho, acompanhado do pai, irmãos maiores e menores (Figura 2). A mãe e irmãs, por sua vez, preparam o peixe cozido, frito, *mutap* (pirão) e assado. (Figura 3).

**Figura 1 – As meninas tecendo redes e aprendendo novos desenhos.**



Fonte: Aruatá Kaiabi, 18/03/2015.

**Figura 2 – Pescaria de um menino com o pai.**



Fonte: Aruata Kaiabi, 2015

**Figura 3 – A mãe e irmã preparam a comida.**



**Fonte:** Aruatá Kaiabi, 06/02/2015.

Ainda nessa idade, são preparados arcos e flechas maiores para ensinar flechar peixes pequenos durante a pescaria com anzol e timbó, os quais passam a ser produzidos sozinho da forma que o aprendiz consiga fazer.

Na vida de casada, a menina fará rede de casal para dormir com o marido e também para o sogro e sogra, pois demonstrará que sabe fazer atividades para cuidar dos sogros e para que não falte esse utensílio a eles. Isso perdurará até a velhice e para quando for se casar não falte rede para o casal e sogros. Com nove anos em diante, apresentam-se todos os deveres, como fazer mingau e comida para oferecer aos parentes.

Nessa fase, a rede possui desenhos simples, diferentemente do homem que manifestará vários tipos de desenhos na produção de peneira. A produção da rede é rara, devido ao grande gasto de barbante. Esse é o motivo de usar os desenhos de peneiras na produção de redes.

Muitas mães estão usando desenhos variados da peneira para fazer a rede, alguns simples outros mais complexos que meninos, jovens, adultos e anciãos podem fazer. Poucos conseguem fazer todos os tipos de desenhos. A falta da aprendizagem dificulta essa prática e, conforme forem crescendo, serão ensinados outros desenhos, o que dependerá da continuidade da aprendizagem (Figura 5).

**Figura 4 – Os tipos de desenhos de peneira usados para tecelagem**



Fonte: Iawarete Kaiabi e Aruata Kaiabi, 2015/

**Figura 5 – Tear *Kawaiwete***

**Fonte:** Iawarete Kaiab, 2015

O menino com 12 anos pode começar a fazer uma roça pequena e ajudar o pai a fazer uma grande. Eles acompanham os pais no plantio de todos os tipos de espécies da roça sem obrigação, para o menino, em especial, seria apenas milho, cará, batata, mamão e melancia. Nesse período, passam a conhecer os produtos da roça, separar sementes para o próximo plantio e fazer adornos e objetos para o próprio uso e de seus filhos.

O pai era encarregado para preparar os adornos da filha. O fuso para fiar algodão e colares, outrora produzidos pelos homens, hoje são feitos pelas mulheres, sendo utilizados no pescoço, cintura e joelho, representados por brinco com dente de cutia, confeccionado em uma ponta de pauzinho, pena de tucano e peneira para fazer mingau durante toda a vida de solteira e assim demonstrar que sabe cuidar dos filhos.

Para os bebês, os adornos são muito necessários e não devem ser trocados, ou melhor, serem dados a outra pessoa, pois servem para manter a saúde e a alma em ótima situação para que a criança não fique doente e perca a vida.

**Figura 6 – Os adornos das crianças em diferentes idades para o pescoço e pulso**



**Fonte:** Aruatá Kaiabi, 08/08/2014.

Para as meninas, os pais e avós também podem usar o *arapó* para passar na barriga das mulheres em qualquer idade. Os avós podem passar e explicar sua utilidade antes que as mulheres tenham seus primeiros filhos para que o parto seja normal. A funcionalidade está no corpo liso desse animal que faz com que o parto não demore. (Figura 8).

**Figura 7 – O tratamento da barriga das mulheres em diferentes idades antes da gravidez.**



**Fonte:** Aruatá Kaiabi, 07/09/2014.

O significado de ensinar a fazer os objetos e adornos acima citados, nas diferentes idades para as crianças é a continuidade destes saberes do nosso povo, para melhorar sua prática, saber o caminho da sobrevivência, fazer para si e colaborar com outros em dificuldades, em especial, os concunhados e colegas. As figuras a seguir (Figura 8) mostram circunstâncias de confecção de flecha e corda de arco acompanhada por um menino.

**Figura 8 – Os professores confeccionando corda de arco**



**Fonte:** Aruatá Kaiabi, 15/05/2015.

**Foto:** Aruatá Kaiabi, 15/05/2015.

Figura 9 – Cordas dos arcos e flechas confeccionados.



Fonte: Iawarete Kaiabi e Aruatá Kaiabi, 15/05/2015.

A pessoa que detém muitos conhecimentos e sabedorias não deve demonstrar ao público sua capacidade, competência e desempenho, entretanto ela tem liberdade para trabalhar e ajudar os outros. Alguns adornos do bebê permanecem até a sua juventude, por volta dos dezesseis anos de idade.

**Tabela 1 – Lista dos objetos feito até os 16 anos**

<b>Objetos</b>	<b>Masc.</b>	<b>Fem</b>	<b>Idade</b>	<b>Matéria – prima</b>	<b>Parte do corpo que usa</b>
Arquinho e flechinha,	X		Recém nascido	Siriva, algodão pena de louro, taquarinha	Pendura na rede do bebê.
Arco e flecha pequena	X		5 a 8	Siriva, algodão pena de louro, taquarinha	Para flechar peixe pequeno e brincar com amigos.
Arco e flecha média	X		12 a 48	Siriva, algodão, cana brava (sem pena) com ponta, taquarinha, pena de gavião, mutum.	Para pescar e caçar.
Arco e flecha grande	X		15 a 60	Siriva, algodão, cana brava (sem pena) com ponta, taquarinha, pena de gavião, mutum.	Para pescar, caçar e dançar na festa.
Peneira	X		10 a 60	Arumã, cipó, barbante (algodão)	A mulher usa para fazer algodão, mingau e farinha. O pajé para espantar o espírito mal.

Fonte: Organizado pelo autor, 2015.

**Tabela 2 – Lista dos adornos feito até os 16 anos**

<b>Adornos</b>	<b>Masc.</b>	<b>Fem.</b>	<b>Idade</b>	<b>Matéria – prima</b>	<b>Parte do corpo que usa</b>
Reminho	X	X	Recém-nascido (0 a 2)	Guaranta ( <i>ypero 'wyp</i> )	Pescoço
<i>já'warea</i> (tamanho pequeno e médio)	X	X	Recém-nascido (0 a 2)	<i>Inata</i> (inajá)	Pescoço
<i>Tataju'ã</i> (tamanho pequeno e médio)	X	X	Recém-nascido (0 a 2)	Tucum	Pulseira

Pilãozinho	X	X	Recém-nascido (0 a 2)	Galhos de árvores qualquer	Pescoço
Colar liso	X	X		Tucum	Cintura (M), cintura e joelho (f)
<i>Mo'ysing</i>	X	X		<i>Juta'at</i>	Cintura
Semente	X	X		<i>Kyry'wa</i> (retirada do papo do mutum) e <i>kwe'y'ma</i>	Pulseira
Barbante	X		12	algodão	Peniano
Colar de dente de macaco	X			Macaco, algodão	Jovem e ancião por ( <i>aerete</i> )
Cocar	X		12 a 55	Arara, louro, papagaio, pavão, mutum, gavião real	Cabeça
<i>Awa'nifu'am</i>	X	X		Algodão, pena de garça e arara	Cabeça (M) e (F) somente pajé

Fonte: Organizado pelo autor, 2015

Todos os objetos e adornos são feitos para aprender, no futuro saber fazer e se sustentar independente dos conhecimentos dos outros. Para que esses conhecimentos não sejam esquecidos, o ensino e educação das crianças e jovens devem ser reafirmados para que continuem usando em pró da sua identidade.

Não são todos que conseguem aprender e adquirir conhecimentos para satisfazer o desejo dos pais, assim como, nem sempre os pais e outros parentes são capazes de ensinar e educar. Os sábios estão sempre prontos para ensinar e os avos fazem parte desse processo de aprendizado, ensino e educação como, por exemplo, nas práticas alimentares para o equilíbrio nutricional (Figura 10). Por sua vez, as tias cuidam e fazem com que a criança ande e se equilibrar (Figura 11). Enquanto a criança dorme a mãe trabalha, os irmãos e tios cuidam dela. (Figura 12).

**Figura 10 – A criança é alimentada enquanto brinca e treinada para se equilibrar**



Fonte: Aruatá Kaiabi, 29/01/2015

**Figura 11 – O cuidado da menina com a criança**



Fonte: Aruatá Kaiabi, 17/12/2014

**Figura 12 – O cuidado da menina com a criança de colo**



**Fonte:** Aruatá Kaiabi, 2014

Passados tais contextos, os jovens detêm conhecimentos básicos da cultura, para os aprendizados por vir e aqueles necessários para participação de vários eventos e não ser envergonhado ao ter que emprestar enfeites dos outros, como para participar da festa *Y'afu*.

No princípio de sua aprendizagem, devem terminar os adornos e objetos que são confeccionados de acordo com suas estaturas, e as meninas devem preparar os próprios enfeites para a festa, (Figuras 13, 14 e 15).

**Figura 13 – Colares e saias femininas**



**Fonte:** Iawarete Kaiabi, 09/05/2015

**Figura 14 – O uso de saias e miçanga feminina**



**Fonte:** Aruatá Kaiabi, 25/12/2014

**Figura – 150 uso de adornos e objetos masculino e feminino na *festay'afu*.**



**Fonte:** Aruatá Kaiabi, 20/10/2014.

Os jovens, ao fazer adorno e objeto pela primeira vez, devem ter clara a necessidade de terminá-los, caso contrário, ficará inacabado e essa prática tenderá a persistir por vários dias e tentativas.

Os *Kawaiwete* acreditam que, dessa forma, a pessoa perde a vontade sobre aquilo que deve ser feito. O horário para tais atividades ocorre nas primeiras horas da manhã até as 16 horas, esse é o limite de estudo, pois se perde inteligência com a escuridão que se aproxima, e sua intensificação torna necessário se aproximar mais daquilo com que se trabalha. A noite será destinada para praticar conhecimentos, contar histórias para as crianças e jovens e outras finalidades.

São contadas histórias antigas e atuais às crianças e jovens, sobre as quais os pais, os pais dos pais, avos dos avos contaram sobre as viagens que fizeram entre diversas outras. Como escreveu (OLIVEIRA) um dos seus textos:

Os Kaiabi comparam a vida humana à madeira queimando (Oakdale, 2015:144). Porque uns queimam mais rápido e outros mais devagar, ninguém sabe. Para os Kaiabi, somente os mais velhos tem condição de entender completamente as histórias antigas que passam de geração a geração. Uma das razões que explicam como os mais velhos “sabem mais” é por que os homens adultos viajam muito e aprendem interagindo com as outras famílias (com possibilidade de trocas matrimoniais), etnias, animais e espíritos fora dos limites conhecidos e seguros do *wyri*. O conhecimento aumenta na medida em que se identificam com os outros, ou para assumir alguns de seus atributos, modos de fala, expressão, enfim (...)” “(...) No caso dos Kaiabi e principalmente entre os homens, são várias as oportunidades em que o sujeito é levado a tornar-se o Outro, para afirmação da pessoa Kaiabi. (...). Através, sobretudo, do valor concedidos às incursões fora da aldeia espera – se que os homens interajam mais com os seres considerados de fora da sociedade Kaiabi e possam sempre trazer algo de novo para o grupo que ficou. As narrativas dos homens são sobre suas viagens nos sonhos e também sobre suas viagens caminhando pela floresta, se socializando com diversos seres que encontram, mas sempre procurando, acima de tudo, afirmar sua condição de humanos diante do grupo encontrado. Assim a floresta sonhada pelos xamãs, bem como os lugares e os seres encontrados, está em sintonia com a floresta caminhada pelos e guerreiros que por ela viajam (...). O entendimento mais amplo das viagens que ocorrem fora do grupo local, só pode acontecer depois que a pessoa fica adulta. Mesmo que as crianças andem muito com seus pais, elas ainda não teriam condições de entender como funciona o mundo e por isso mesmo os adultos não vêem muito sentido em gastar tempo explicando as coisas para as crianças mais novas. Antes de começar a viajar, é muito importante que se tenha um entendimento dos lugares que ficam perto de casa. Para isso são feitas repetidas e intensivas incursões para regiões próximas do *wyri*, exclusivamente com finalidade de proporcionar às crianças o sentimento inicial de sua base de segurança, que tem como centro de referência a casa em si. São relações mais intensivas próximas de casa que irão proporcionar as interações nos relacionamentos com o Outro, num movimento dialógico de alteridade e identidade que constitui o ciclo de vida (OAKDALE, 2005, P. 145). Essa identificação começa com a infância quando o novo bebê Kaiabi se conecta e se identifica com os pais...

**Figura 16 – A criança em outro espaço à esquerda e a criança engatinhando e seus adornos de pulso à direita**



**Fonte:** Aruatá Kaiabi- 22/12/2014

## 2.2 A cultura material e o aprendizado entre meninos e meninas

Quando os pais confeccionam objetos e adornos os meninos e meninas observam atentamente como está sendo feita, bem como acompanham os pais na realização das atividades familiares e saber as formas de uso dos artefatos confeccionados. Enquanto os pais produzem explicam para que servem os adornos do bebê. As crianças gostam de coisas desconhecidas, alguns entendem bem e outros menos, entretanto, quando os adultos estão produzindo, a curiosidade dos pequenos é muito grande e são demonstradas em diversos questionamentos como: o que é, porque e qual o objetivo da peça.

**Figura 17 – Adornos Tataju'ã, pescoço Inata Simet e cintura Mo'yrete'i'i.**



**Fonte:** Aruatá Kaiabi, 17/12/2014.

As crianças desconhecem a confecção de tais itens quando os pais não demonstram para os filhos, dessa forma, não se possibilita a curiosidade e interesse em aprender.

Foi possível presenciar um objeto confeccionado para um bebê durante essa pesquisa. Muitos dos jovens e crianças indagaram sobre e quiseram ver o artefato.

Sob esse contexto, o interlocutor da pesquisa explicou que se tratava de um item exclusivo para o bebê recém-nascido, feito de quaisquer galhos de árvores cortados pelo serrador (inseto) e trazida da roça para ser usado como colar para pescoço, dessa maneira, os bebês quando crescerem serão muito trabalhadores e, principalmente, se identificarão usando a tatuagem no rosto.

**Figura 18 – Menino trançando um cesto paneiro de cipó imbé.**



Fonte: Aturi Kaiabi, 2006

### 2.3 As tatuagens

Os *Kawaiwete* homem e mulher usam a tatuagem no rosto, essa é a sua identificação enquanto povo *Kawaiwete*, sendo conhecido e denominado como o povo *juruap* e *pige'em*, o

que significa *juru* (boca), *ap* (pelo), ou seja, boca peluda *pige'em*, de acordo com relato dos anciãos que acreditavam num povo ter falado essa denominação em momentos de ataque. *Opige'em* refere-se ao ataque dos *Kawaiwete* sobre outros povos, cuja guerra não cessava, ao contrário se intensificava. A guerra era para proteger o território e afastar o perigo trazido por outros povos para próximo da aldeia e se mantinha até que o outro povo permanecesse próximo ao território.

Os *Kawaiwete* guerreavam muito com outros povos antes do contato com o não indígena e então passaram a se identificar usando outras tatuagens para distinguir aqueles que já tinham feito uma vítima fatal. Por isso, o registro do nome conforme escolhido e aquele pedido para ser tatuado, dessa maneira ganhando outro nome.

As tatuagens eram variadas conforme parte do corpo ocupada pela tatuagem era um nome, por exemplo, cobrindo toda da boca significava *juruũnũũ*, *juru* ou boca e *ũnũũ* ou preta, boca preta, esse era o nome. A mudança de nome seguia uma regra rigorosa para levar a deformação e problemas de saúde, sendo restritas as comidas mal preparadas e proibidas nessa fase da vida, essa reclusão do homem faria com que ganhasse maior respeito de todos. Depois de tatuado as demais pessoas podem ver a tatuagem e entender seu significado.

Após todos da comunidade conhecer a tatuagem, manifestam estar de acordo com o nome dizendo “pode ficar com esse nome”. O homem nessa fase deve se alimentar com uma comida bem preparada pela esposa, e deve realizar muitas atividades de casa, demonstrando sabedoria e respeito.

Todos os homens e mulheres eram tatuados no passado, na atualidade são poucos por falta de tatuador profissional nas aldeias, o qual deve dedicar-se para aperfeiçoar os alinhamentos da tatuagem, conhecer as regras e orientar os tatuados. Os antepassados tinham tatuadores profissionais, conheciam bem as regras da tatuagem e principalmente valorizar a identidade.

Em 2014, com a finalidade de valorizar a identidade e o uso da tatuagem no rosto, uma comunidade *Kawaiwete*, por meio de profissionais tatuadores não indígenas, passa a realizá-las em jovens e pessoas que os pais não deram essa oportunidade, com isso muitos jovens foram tatuados e outros ainda serão, poucos por vontade própria. As figuras 19 e 20 mostram os jovens da aldeia Ilha Grande sendo tatuados e a diferença entre aquelas para o homem e mulher. Entretanto, homens tatuados e não tatuados usam os adornos de festa e objetos para dançar com as meninas (Figura 19).

**Figura 19 – A tatuagem masculina e feminina**



Fonte: Aruatá Kaiabi, 15/08/2014(masculino), 14/08/2014 (feminina)..

**Figura 20 – Os tatuados, adornos e objetos masculinos na festa de formatura.**



Fonte: Aruatá Kaiabi

## CAPÍTULO III – O CASAMENTO

### 3.1 A cerimônia do casamento

O noivo pretendente passa pela aprendizagem que é colocada em prática para ser provada para então fazer o pedido de casamento. Os pais podem ou aceitar ou não o casamento da filha e do filho. A filha é a primeira a aceitar e solicita que o homem fale com seus pais. O noivo, primeiramente, dirige-se ao pai e a mãe, fazendo uso das mesmas palavras para os ambos. Quando o casamento é aceito pelo casal será uma verdadeira aceitação ou falsa.

É preciso ter sido bem educado pelos pais para lidar com esse tipo de casamento. Aceitar o casamento logo nas primeiras conversas pode significar desacordo da família e o casamento não aceito pode ter o mesmo significado. Quando os pais não aceitam, logo são dirigidas palavras ofensivas que podem assustar o pretendente, alega-se que a filha não pode casar por não estar preparada e o rapaz por não trabalhar e que não conseguirá realizar todos os trabalhos dos pais, sogro e sogra. Mas, sobretudo é preciso escutar o que o sogro e a sogra disserem.

Para pedir em casamento a filha do casal o noivo deve estar preparado para que não se desentender com o futuro sogro e sogra. Quando se discorda acerca da realização do casamento, e o noivo vai embora, está faltando com a educação, ou seja, não está bem educado. Vencer todos os tipos de desafios de casamentos os pais da noiva terão muito orgulho em saber que o rapaz tem muita sabedoria. É preciso se casar com a moça. Ou o homem ou a mulher que for casar terá que fazer toda família ficar sabendo, os avôs, os pais, tios e irmãos para quando o casal tiver problema à família terá o direito para aconselhá-los. Os parentes não devem resolver o problema quando não estão sabendo do casamento dos ambos.

A moça não pode pedir para casar com o rapaz, pois era o papel do homem, isso cabe exclusivamente ao pretendente. Com 16 anos, a moça já podia se casar, ou seja, já estava preparada para ser mãe. Caso nenhum homem se case com ela ficará solteira até a vida adulta, dessa maneira estando mais preparada e muito bem educada, esse casamento acontece para quem não estava compromissada quando pequena.

Com o casamento todo resolvido a mãe deve tirar todos os adornos da filha, o colar de cintura, colar de pescoço e os brincos. Ela não deve usar nunca mais por estar casada, pois os enfeites servem apenas para a vida de solteira da moça. A mãe da moça cortava o cabelo da

filha para que soubessem que era casada, podendo chorar ou não. Por sua vez, o marido possuía cabelos longos.

Não tive a oportunidade de acompanhar a realização de um casamento tradicional e não tradicional, por não ter ocorrido na minha aldeia. Somente os pais e os noivos resolvem o casamento e muitas vezes os parentes não são consultados, os quais, com o passar do tempo são informados sobre o matrimônio. Os noivos normalmente estão desencorajados para conversar e informar os parentes devido ao receio das difíceis palavras dos pais dos noivos.

## **3.2 Tipologia do casamento**

### **3.2.1 Casamento combinado**

Consiste em um homem com parentesco de segundo ou terceiro grau e/ou sobrinho da mulher comprometer o filho a se casar com a filha dos tios e fazer o pedido a eles, dessa maneira a menina seria cuidada por ele e tios terão os filhos. Caso a proposta seja recusada outro casamento deverá ser procurado e o processo repetido, caso aceita, responsabilidades são cumpridas e cuidados a futura sogra e sogro são presentes. O casal e o futuro genro ou nora deixam toda combinado o dia do casamento.

Logo após o nascimento da criança, de acordo com o combinado, os pais fazem com que os sobrinhos se casem. Desde o nascimento o rapaz cumpre sua responsabilidade de cuidar da futura esposa, pescando e buscando lenha para o sogro, sogra e esposa. Ao completar cinco anos de idade ela já pode ir pescar com o marido até ficar em reclusão, pois é considerada sua mulher e porque antes do casamento não teve relação sexual alguma, e por ventura, se já tiver se relacionado sexualmente com outro não é considerada a verdadeira esposa.

Os primos se casam quando os filhos dos irmãos, irmão e irmã combinam que terão que casar, sendo aceitos tanto os pais quanto os primos. Os filhos devem se casar com a filha da irmã do pai e irmão da mãe. Devem se casar de acordo com a tradição a filha da tia e tio, os filhos dos primos ou o primo com a filha do primo (a) e tios de segundo e terceiro grau. Os Kawaiwete acreditam que o casamento com a filha do tio e tia é direito dos sobrinhos, sobre o qual, havendo desentendimento entre marido e esposa não será difícil o sogro resolver. Nesse período, o sobrinho é genro e a sobrinha nora, recebem os conselhos necessários.

Oliveira (2010, p. 52) descreveu o casamento dos *Kawaiwete* da seguinte forma:

O costume da residência pós-marital uxorilocal, juntamente com o casamento preferencial com primos cruzados podem ser consideradas as duas instituições mais fortes na organização social Kaiabi até os dias atuais. Com consequência de regras de residência, o genro deve prestar serviço ao sogro (...)” Que durará para sempre logo depois do segundo e terceiro filho. “(...) Não se trata propriamente de uma obrigação, mas a força social através das determinações dos pais (...)” Também por vontade própria, “(...) e das fofocas que circulam na aldeia, tornam a realização dessa pratica quase um imperativo. O “serviço da noiva” é um costume que proporciona ao chefe boa parte de sua mão de obra para produzir comida (...)” Logo depois de se casar com o marido. “(...) os principais serviços que se espera do genro são caçar, fazer roça e outras atividades como construir casas e trabalhos manuais.

### **3.2.2 O casamento proibido**

O casamento proibido raramente acontece entre os *Kawaiwete*, trata-se do casamento com a filha do irmão do pai e filha da irmã da mãe, pois é considerado vergonhoso. Mas já aconteceu o casamento entre tio e irmã própria, existe hoje esse tipo de casamento entre os *Kawaiwete*, no caso um homem casado com a própria prima da irmã.

No caso de irmãos que tiverem seus filhos namorando, estes deverão se casar por imposição daqueles, servindo como advertência sobre o desrespeito das regras, para que todos saibam e reconheçam o erro dos irmãos. Essa é a maneira para conter a vergonha dos pais para tenham uma vida tranquila e normal, essa é a única solução se o casal for descoberto.

Na comunidade, já aconteceu casamento entre tia e sobrinho quando descobertos por todos, pois o namoro existia e o sobrinho a amava, podendo também fugir com a tia pelo rio e mata. Os pais têm todo o direito de fazê-los assumir o descumprimento da regra e desrespeito com parente de primeiro grau.

O casamento entre pai e filha é praticado pelo fato do marido não ser o próprio pai da filha, pois ela é do namorado e sente-se irritada indevidamente. O pai então decide assumir casar-se com a própria filha, sendo que a filha não está comprometida em casar-se com ele. Depois de casado a vida aos poucos passa a ser normal e muito contra a vontade da moça.

### **3.2.3 O casamento pedido**

O homem com muitos conhecimentos da cultura tem direito de casar-se com as irmãs da esposa e a filha que sua esposa teve em outro casamento, a qual não podia ser namorada por ser considerada sua esposa. A tentativa de alterar isso poderia ocasionar uma briga e a morte do namorado.

Outra forma desse casamento inclui o casamento com a própria filha. O homem poderia possuir no mínimo duas e no máximo seis esposas, invariavelmente esse homem está sempre trabalhando para o sogro e tem muita sabedoria para liderar a comunidade.

A mulher também casava com mais de um homem, devendo para isso ser: produtora de rede, fiadora de algodão, fazer panela de barro, contadora de história, saber fazer comida e oferecer aos outros, separar e guardar sementes para o próximo plantio, cantar e dançar *jowosi* desde 10 anos segurando no cinto do cantor. Isso para segurar o cantor que tentará fugir quando mais uma música for pedida para ser cantada e para ficar firme durante a dança. Atualmente existem os casamentos entre os mais velhos e mais novos, no qual apenas os homens conseguem casar-se com as moças, as mulheres mais velhas não estão tendo mais a oportunidade pelo fato dos jovens não aceitarem.

Em uma noite de namoro, o noivo faz o pedido de casamento para a pretendida, a relação sexual com a moça não era permitida, havendo o aceite a moça pedia para que falasse com seus pais, conforme seja a família dos noivos pode acontecer o casamento. A responsabilidade sobre o casamento é toda do noivo, apenas na cerimônia do casamento os pais darão conselhos e quando houver desentendimento.

Cada uma das esposas tinha roça e mantinham essa produção, bem como, muitos artesanatos como abanador, borduna, arcos e flechas, peneiras, brincos, colar, *panakû* ou recipiente para carregar rede, mala de índio, *pinosing* ou tapete para produzir barro e prensar mandioca e *tukanap* ou enfeite de uso feminino.

Era importante respeitar muito o sogro e sogra, entender e tirar as dúvidas, principalmente, acerca das palavras que o sogro usava para se comunicar com genro - ajudar a construir as casas da comunidade, cumprimentar e se despedir com competência e desempenho. A palavra e o conhecimento só não devem ser usados para humilhar, o sábio é sempre quieto entre outras pessoas, pois vive a expectativa de poder ensinar qualquer indivíduo. Por sua vez, quem muito fala não executa bem suas atividades, pois são pessoas sem pertences que não sabem nada na vida.

O bom cantor canta e dança muito bem a festa *jowosi*. As músicas eram relacionadas aos inimigos mortos por ele e outras pessoas, não aceitação das propostas de casamento dos filhos e a procura de esposa e marido para se casar. Primeiro, os pais dos noivos cantam para oferecer os filhos que já estão prontos para casarem. Segundo ainda não aceitam o casamento dos filhos porque pretende que casem mais tarde. Terceiro não aceitam casamento dos filhos com filhos da pessoa que está pedindo, mas casará com quem a família aceitar.

Cada um dos irmãos do pai dirá sobre o casamento com a filha, com quem devem casar-se, sendo eles casados repassarão suas experiências matrimoniais de com quem casaram e etnia própria ou outra.

O cantor que não concordar com o canto do outro deve defendê-lo, assim como a sua família. Essa defesa pelo canto determina a forma correta de resolver problemas da família. Quem conseguir defender melhor seu canto ganha, devendo haver a concordância do adversário e sua desistência em tentar novamente.

Outro canto é quando o cantor escuta o que está acontecendo e dirá o que fez antes dele ser flechado porquê da outra vez já foi flechado. Vai dizer que flechou o *ajangq* (certo boneco a ser flechado na última cantoria e amanhecer da festa).

*Exe:*

*Aywũjeajangjá'nũ.*

*Eu flechei o ajang novamente.*

*Iataekoramũ.*

Os três cantos do *jowosi* relacionam os acontecimentos da vida do guerreiro, cantos sobre a juventude, outros povos e os nossos próprios, conforme Oliveira ( 2010, p. 53):

O *jowosi* particularmente celebra o valor do guerreiro em sua capacidade e coragem de sair da aldeia, enfrentar os inimigos, identificar-se com eles, matá-los e voltar renovado trazendo suas cabeças para que seus parentes possam fazer grandes festas envolvendo várias outras famílias. Em suas narrativas cantadas mediante um elaborado de metáforas, são contadas as viagens dos Kaiabi aos territórios de outros humanos, em que as canções entoadas durante a cerimônia são tidas como surgidas dos ossos do inimigo ao invés de elaboradas pelo próprio sujeito cantante.

**Figura 21 – A festa jowosi povo Kawaiwete**



**Fonte:** Instituto Socioambiental – ISA

## CAPÍTULO IV – O CASAMENTO NOS DIAS ATUAIS

Os rapazes e moças não se casam mais como antes por motivos oriundos dos próprios que procedem dos jovens e dos pais. Não acompanharam os pais desde criança nas atividades que deveriam aprender e também os pais não conseguiram insistir em ensinar e educar, porque não adquiriram maiores conhecimentos da cultura.

Com isso, estão ganhando o poder de decidir como devem se sustentar e organizar os próprios projetos de futuro, muitos conseguem se sustentar com o uso e dependência do dinheiro, dessa forma praticando valores da cultura indígena e não indígena, contudo, a maioria depende dos conhecimentos *Kawaiwete*.

O dinheiro e o conhecimento cultural andam juntos, sendo muito valorizado entre os *Kawaiwete* que o praticam, apenas dessa forma conseguem se sustentar por aprendem com os dois. Os conhecimentos tradicionais são usados para sustentar a própria família na aldeia. O dinheiro destina-se para fazer compras e sustento na cidade e na aldeia, contratos de pessoas profissionais para fazer casa de família, preparar o roçado, deixando de praticar o seu costume cotidiano entre sua própria família e auxílio à família de sua esposa.

Em outros casos, alguns filhos conseguem colocar em prática os conhecimentos que os pais ensinaram para educaram seus filhos para que eles aprendam, entretanto é marcante o fato de estarem se casando muito cedo. Como Yefuka Kayabi no texto escreveu:

Antigamente os Kayabi não se casavam tão cedo como hoje. Primeiro tinha que ter os conhecimentos dos pais ou de suas mães, aprender a fazer o artesanato, fazer roça, saber cantar, aprender a respeitar o sogro e sogra e os parentes de sua mulher para o casal não ficar desobedecendo costume do seu povo e não ficar independente do conhecimento dos outros” (...) “Atualmente algumas pessoas se casam despreparados e não tem capacidade de sustentar a sua família.

Nestes casos, não são aceitos e são agredidos pelos pais alegando a incapacidade para se casarem. Não havia agressão verbal dos pais com o namorado da filha, o que vem ocorrendo bastante atualmente.

Alguns conseguem casar mesmo não sendo aceitos pelos pais da noiva, insistem em pedir a moça e não dão se importam muito com as palavras dos pais, um dos motivos é o fato de alguns parentes aceitarem. Os namorados podem desistir e nunca mais voltarem a se querer ou ainda ficar junto. Os jovens estão se casando sem preparo para cuidar da família da esposa e seus filhos, passam dificuldades para alimentar os filhos e acabam sendo cuidados pelos pais e irmãos que conseguem sustentar a família.

O casamento entre os mais velhos e jovens também quase não acontece, tanto as moças quanto os moços não estão aceitando essa prática, por considerarem coisa do passado. Poucos se casam entre primos porque a prima não aceita e procuram casamento em outra família, ou da mesma família, sendo o irmão do noivo e noiva escolhidos para namorar e casar.

Não se ressalta para casar o homem ser conhecedor apenas da cultura do povo, mas também, deter conhecimento não indígena para que o sustento provenha dos saberes da aldeia e de fora dela.

## CAPITULO V – MORADIA DO CASAL

Os *Kawaiwete* moravam todos em uma mesma casa grande e cada aldeia correspondia a uma família. Casavam-se na mesma aldeia e em outra aldeia, o homem de outra aldeia ia para outra aldeia se casar com a filha de um casal, depois de casados moravam com a família da esposa, a mulher teria feito da mesma forma, como explica Yefuka:

*(...) Os Kaiabi moravam unidos numa casa grande de festa e hoje não existe mais isso”(...)“Moramos muito separados, cada um com sua família”. Os jovens que casam já podem se mudar na sua própria casa com sua esposa para construir uma nova família, mas não se mudam para outra aldeia permanecendo na mesma aldeia onde seus pais moram. Poucos se mudam na casa de seu sogro com sua esposa.*

Em muitos casos, os pais querem ficar juntos ou da filha ou do filho para poder acompanhar o novo casal e transmitir a educação. Exemplo, quando o marido for pescar a esposa deve preparar algo para ele comer ao chegar, alimento que genro deve oferecer para os sogros, tios, irmãos, cunhados e os parentes da esposa. A esposa oferece à sogra, às cunhadas e às esposas dos tios. É uma educação para oferecer algo e comer junto com os parentes e outros, entretanto tem comidas preparadas somente para si.

Todas as vezes que o marido for sair de casa, a esposa prepara comida, na esperança que a qualquer momento chegue alguém em casa. A esposa estará sempre pronta para acompanhar o marido onde quer que vá em caso de atividade do casal.

Cabe ao casal dividir o tempo quando podem morar com os sogros e sogras, isso é feito pelos casais que realmente sabem como cuidar das famílias. O genro leva a filha para morar com o sogro e a nora por sua vez resolve voltar para casa do sogro e sogra (os pais do marido). O homem não pode ser mais do que mulher nos cuidados com os pais e existem genros e noras que por muito tempo não cuidam melhor dos sogros e sogras e ainda reclamam que a cultura não é praticada, tais circunstâncias são comprometidas também pela distância entre as aldeias, dessa maneira as atividades dos sogros e sogras são realizadas por eles mesmos.

Os pais, quando deixam de morar com seus filhos, param de ensinar e educar, a educação para o novo casal familiar não terá continuidade e as fases de ensino não serão cumpridas, em que pese os cuidados do genro com sogro e sogra prejudicados, o casal pode morar separado daqueles mesmos na mesma aldeia.

Outra aldeia pode ser construída em outro lugar pelo casal, sogro e sogra para permanecerem onde moravam anteriormente. Procuram construir outra aldeia para melhor fartura de alimentação, principalmente mais roças, conforme cita o antropólogo (OLIVEIRA, 2010), Elizabeth Travesso, (1993):

[...]que desde tempos remotos os Kaiabi tinham esse costume de morar em pequenas aldeias familiares espalhadas, mas que se originavam de aldeias familiares maiores, em que a convivência começava a ficar mais difícil, tanto por razões políticas, como também por causa do distanciamento das roças e das dificuldades pra conseguir caça e pesca [...]

Tinham por preferência se estabelecer próximo aos igarapés que não secavam, mas com um acesso relativamente fácil ao grande rio Teles Pires, onde costumavam fazer suas roças bem próximas (Pyrius de Sousa, 1916).

As atividades dos cuidados com sogro e sogra é na preparação dos alimentos, acompanhamento cotidiano, aprendendo conhecimentos para educação. O respeito e a regra das atividades seguem o contexto de retransmitir o conhecimento as futuras gerações, construir a casa para uma nova família, buscar e conhecer o ensino e educação dos pais e compreender seus conselhos dos pais para serem transmitidos e acompanhados.

Pertencer e ser do povo *Kawaiwete* é valorizar os próprios conhecimentos dentro da aldeia e o ancião ter facilidades para transmitir seus conhecimentos aos jovens para que a união não seja esquecida em momentos de decisão do povo. Uma das questões são as atividades não indígenas introduzidas e as indígenas sendo menos valorizadas pelos jovens.

A saída de suas aldeias para estudar e adquirir outro conhecimento de fora aumenta, contudo, devem retornar e valorizar a realidade *Kawaiwete*, as propostas para isso devem ser muito fortes, entretanto não há ninguém que realmente lute pelo direito indígena. As lideranças indígenas devem aumentar e a identidade com a incorporação do conhecimento de outros povos serão decisivos para união e fortalecimento do povo.

Os anciãos e os jovens se valorizavam ajudando um ao outro, a cultura era mais forte. Os aprendizados dos filhos dos sábios eram de muito valor e demasiados conhecimentos úteis para vida. A maioria dos jovens valorizavam as práticas de ensino e educação de seus pais e dos outros, assim muitos casais sabiam cuidar melhor dos filhos sem depender dos outros para se alimentar e buscar coisas necessárias para família e a comunidade. Os grandes conhecedores da realidade da comunidade tinham mais proveito de seus conhecimentos, os quais aumentam nossas chances de transformar para melhor a vida dos indivíduos.

Com relação ao casamento de hoje, houve várias mudanças, a maioria dos casais não estão sabendo cuidar melhor do sogro e sogra e fazem apenas aquilo que lhes interessa. Os genros decidem não trabalhar para o sogro e sogra e são julgados mal pela comunidade devido a atitude vergonhosa para quem entende da cultura. Poucos realmente se importam em tratar o sogro e sogra da melhor forma possível, sem se importar com intrigas dos parentes da esposa e marido, porque estão sabendo como se comportar entre essas famílias.

### **5.1 Divisão de trabalho entre os moradores da casa: esposa e sogra - marido e sogro**

As atividades do casal preveem fazer tudo para sogro e sogra. Quando a sogra está trabalhando em casa, a nora ajuda, antes a sogra produzia panela de barro, preparava comida, fazia mingau, buscava água. Cuidava dos produtos da roça e plantava roça junto com o marido e sogros.

A nora não pode esperar a sogra fazer algo, deve ter as próprias ideias de fazer alguma coisa, como mingau e comida para oferecer e dividir com outros tudo que for preparado, varrer a casa todos os dias, ou seja, acordar mais cedo para fazer as atividades caseira.

Muitas vezes, a nora é que ajuda mais morando na mesma casa da família do marido. As atividades hoje em dia diminuíram para nora, o preparo de barro quase não se faz mais, salvo em momentos especiais como nas oficinas e para comércio. Da mesma forma o genro e sogro se tratam melhor durante as atividades realizadas. O genro em toda atividade pode estar presente para que o sogro descansa e espere tudo ficar pronto, entretanto, preparará tudo sozinho caso o genro não esteja presente. O genro ajudará fazer peneira, abanador e buscar lenha, não devendo apanhar aquela que o sogro trouxe para sua fogueira, assim estará desrespeitando, como por exemplo, o sogro ver que estar faltando lenha pede a do genro, esse é um sinal de pedido para que o genro vá apanhar lenha, se não for atendida o pedido do sogro é falta de educação e poderá ficar bravo.

Quando o casal é novo, o genro não deve fazer tudo para o sogro e sogra, apenas as suas atividades próprias como pescar, caçar, fazer roça e artesanatos próprios.

O casamento pode não durar muito tempo e existem separações. As atividades vão aumentando conforme o casal tem filhos. Com o primeiro filho, pode-se ainda continuar fazendo atividades próprias, no segundo ajudará nos trabalhos da família da esposa, principalmente cuidar do sogro e sogra, no terceiro filho terá mais obrigações para fazer todas mesmas coisas que o sogro e sogra fizeram.

O casal deve evitar briga por ser vergonhoso para os sogros e todos os parentes do casal, quando isso ocorre deve haver uma prova para o genro, o qual que deveria estar fazendo algo relevante ao invés de brigar com a esposa, caso não seja reparado o dano o sogro pode dizer: *A melhor coisa é trabalhar para o sogro, mas é muito difícil. Agora para brigar com a esposa é fácil.*

O sogro só pode confiar plenamente no genro quando esse tratar melhor toda a família, para que dessa forma seja respeitado na família.

Em todos os momentos quase não tive oportunidade de acompanhar um casal nos trabalhos com o sogro e sogra. Em outras aldeias existem muitos casais realizando as atividades próprias sem a presença dos sogros, por eu estar junto com eles foi impossível acompanhar tais atividades em outra aldeia. Acompanhei uma atividade, na qual o genro foi tirar a mandioca na roça com a sogra, cunhados e esposa. Nesse caso, alguns ajudam para tirá-la e jogá-la na água, por sua vez, a retirada da água foi atividade da esposa e sogra que convidam outras mulheres para descascá-la, cuja maior parte se fará farinha. No término, as convidadas levam um pouco para casa e irão fazer beiju.

O genro, por sua vez, tira a lenha sozinho, espera a esposa e sogra peneirar a mandioca prensada para depois torrar, enquanto isso a conversa entre esposa e sogra entram em ação, falam do cotidiano, situação da vida própria e de outros. Logo em seguida, a mandioca peneirada é despejada no tacho quente por mulheres, estando pronto despejam a farinha na bacia para esfriar e ensacar, sendo ela para consumo próprio e comércio, podendo ser farinha fina branca e farinha de puba.

Observei alguns problemas na relação entre sogro e genro e desentendimento com a filha quando o genro não faz as atividades do sogro. Dessa desfeita não tem alegria para deixá-lo à vontade em todos os momentos na casa. A sogra tem os mesmos problemas com a nora. Ela não faz as atividades da sogra e não cuida melhor dela. As redes feitas pela sogra contam com a ajuda das netas tão somente, sendo a colaboração da nora reduzida a poucos casos, em especial, quando presencia algum feito da sogra, bem como, reclama dos cuidados para com a sogra. O ânimo dos sogros em torno do casal corresponde ao ânimo do genro, todos podem gostar e ter bastante amizade com os outros. É por isso que muitas vezes o casamento não dura muito.

Os motivos de separações são os seguintes: o marido ou a esposa traem com outra pessoa, ciúmes em excesso e desentendimento do casal, o marido querer casar com mais uma mulher, ambos não quererem mais estar juntos ou ainda tornar a ficar com outra pessoa do desejo próprio mesmo sem acordo entre a primeira esposa, o marido não se relacionar bem

com os parentes da esposa e não querer continuar com ela, palavras ofensivas dos próprios sogro e sogra e que provocam, o homem ou a mulher ter casado sem desejo próprio e forçados. Houve momentos de tentativa de separação de vários casais, foram 13 *Kawaiwete* novos (os jovens são os que mais separam) e velhos nos últimos anos, dessa maneira, todos conseguem se casar novamente e dessa vez com pessoas certas e com pessoas que nunca desejaram se casar. Não teria importância se casar com qualquer uma das pessoas quando o pretendente com quem se queria casar não o quis bem. E muitas vezes o diálogo não existe entre essas pessoas separadas, podem se casar para ter uma nova vida. Poucos não conseguem mais se casar quando os separados são mais novos, quando a idade é avançada a pessoa separada é rejeitada e, casar-se novamente torna-se mais difícil. Não acham uma pessoa da mesma idade para se casar e ter uma nova família, mas podem ter filhos dos namorados. Isso está causando problemas de registros para os filhos. Muitos não conseguem assumir os registros e a guarda dos filhos que cabe somente à mãe.

Todos têm vontade de se casar de novo mas a vida passada muitas vezes atrapalha e acabam se dedicando mais nos trabalhos da família e da comunidade, esquecendo com quem deveria se casar. Os filhos conseguem se aproximar dos pais que se dedicam na guarda dos filhos porque os filhos não o esqueceram.

Os meus pais tentaram se separar e nós, os filhos, quando soubemos destes problemas dos pais tentamos resolver, mas poucos conseguem fazer os pais ficarem juntos novamente. Hoje são felizes. Tínhamos que ter conversa com os nossos pais que entendiam o conselho dado por nós, não importando se os filhos têm poucos conhecimentos.

É preciso estar atento nos conselhos dados para depois retribuir, nossos pais também entendem e precisam de nossa ajuda, entretanto, em momentos de desentendimento do casal esquecem os próprios conselhos dados aos filhos. Acabam se envolvendo em coisas erradas e muitos dizem que os pais não estão preocupados com o problema. Hoje são evangélicos e para nós como filhos passamos pela guarda dos dois preceitos culturais, o tradicional e o da nova religião. Muitas vezes essa nos oferece melhores conselhos para que haja melhor exemplo aos casais que se desentendem com a finalidade de sermos uma família unida diante de todas as dificuldades e desafios.

Para ser um bom genro e uma boa nora existe um processo. Quando o rapaz é solteiro é educado pelos pais para tratar carinhosamente qualquer parente, os pais da moça, os avós, tios e irmãos, pois exatamente não sabemos com quem casaremos. O sogro, mãe, avós, tios e irmãos não podem ser chamados pelo nome próprio, a forma considerada respeitosa de chamar é *kiapi'ni*, por sua vez a mãe, avó e tia de *a'ni*, o irmão de *kia'ikui* e a irmã *kari*. O

genro deve fazer todas as atividades para o sogro e sogra. Quando houver um problema no casamento do genro o sogro irá sentir sua falta, seja pela separação ou morte, sobre as quais dirá: *o meu genro cuidava melhor de mim e só ele fazia as minhas atividades.*

Ser uma pessoa simpática na família é estar junto e comendo com muita alegria junto ao sogro e a sogra e oferecendo comida aos outros, é gostar que os irmãos brinquem com a esposa, é ser extrovertido e muito brincalhão. Com isso, o sogro orgulha-se e se sente à vontade em toda sua vida.

Quando o rapaz não é aceito pelo sogro e sogra, são eternizados como muito ruins, significa não querer o casamento realizado pela filha e logo avisam que a moça não está preparada e educada para casar, mas como é o moço que está pedindo, terá que trabalhar muito. O sogro não pode chamar o genro pelo nome, mas por *kisit* que define filho, sobrinho, genro e neto, a mãe é *si'ri*, igualmente para os entes acima descritos.

Por sua vez, o sogro e a sogra utilizam a palavra *si'gi* para chamar a nora, filha e sobrinha. O sogro pode ensinar e educar o genro, esses sábios instruem genros e noras a fazer artesanatos e preparar alimentos entre tantos outros itens, entretanto poucos fazem isso. Ter muito respeito e esperar o momento certo para brincar com o genro é importante.

## CAPÍTULO VI – PASSADO E PRESENTE NA ESCOLA: ALUNOS PESQUISADORES E A COMUNIDADE

**Figura 22 – Alunos fazem pesquisa na escola à esquerda e a direita em na casa do pesquisado**



**Fonte:** Aruatá Kaiabi, 10/04/2015.

Outras pesquisas devem ser feitas para complementar a formação dos jovens para os diversos tipos de casamento em favor de sua melhoria científica, interesse em conhecer a cultura, aprender com passado e refletir o futuro. Os anciãos devem mostrar e ensinar aos jovens os conhecimentos tradicionais, principalmente, a construção da casa tradicional, (Quadro 28), objetos e adornos feitos para crianças, transmitindo para outras pessoas continuarem resgatando e valorizando a cultura.

**Figura 23 – Construção da casa tradicional na aldeia *Tuiarare***



**Fonte:** Aturi Kaiabi

**Figura 24 – Velho na escola fazendo objetos desconhecidos do passado**



Fonte: Aturi Kaiabi, 2006.

**Figura 25 – Os anciãos (Ka'rauu e Chico) elaborando cestos para demonstrar para os alunos**



Fonte: Aturi Kaiabi, 2006.

Os velhos devem ser valorizados para aquisição de conhecimentos sobre os objetos, por sua vez, a escola deve trazer os anciãos para trabalharem com os professores, pois com os mais velhos podemos aprender muito mais. Apenas eles sabem explicar para que serve a nossa tradição, sobre a qual precisamos melhorar a educação indígena nas aldeias. A nossa transformação é muito importante para o desenvolvimento da nossa comunidade. Isso é importante para todos os jovens e quem não teve a oportunidade para aprender, principalmente, as crianças não esquecerem, por meio do registro e produção de livros para as escolas.

Os materiais podem servir para o uso das escolas *Kawaiwete* e aos povos em nosso redor para conhecer o contexto de diferentes povos com os quais devemos manter o diálogo entre os indivíduos. Para isso, devemos nos dedicar muito ao nosso estudo, escrita, cultura e de modo geral ao conhecimento de cada povo para um mundo melhor.

As informações contidas neste trabalho devem pesquisadas, estudadas e complementadas por outros pesquisadores, cabendo a participação de todos para garantir os nossos valores e direitos para buscar e elaborar nossas propostas no mundo atual.

O momento agora é se preocupar com nossos conhecimentos, realidade e respeito com cada um de nós. Depende da preparação do povo para que o passado não seja esquecido, lutar no presente e pensar no futuro das novas gerações, enfrentando os desafios com resistência.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre o casamento do povo *Kawaiwete* é de suma importância para mim, para meu povo e todos que gostariam de conhecer os tipos de casamentos como garantia da valorização cultural. Um membro da sociedade *Kawaiwete* ter pesquisado este tema é relevante, por ser fator de identidade que considero importante para minha pessoa e prática que deve ser reconhecida por todos que ainda dela precisam.

Para os *Kawaiwete* os resultados dessa pesquisa são importantes por mostrarem a realidade do trabalho do professor indígena dentro da Universidade e demonstrar a potencialidade desse registro do conhecimento cultural dos anciãos. Sendo eles valorizados pelo aluno indígena dentro da Universidade, pelo professor, pela escola e instituição de ensino superior são muito importantes para a comunidade.

Os resultados desse estudo são importantes para Universidade, pois tais conhecimentos indígenas em transformação tornam-se igualmente relevante aos não indígenas, sendo o próprio professor e comunidade *kawaiwete* protagonistas deste registro científico. Este material enriquece a leitura e ensino na escola, ação do professor, satisfação e reconhecimento dos anciãos e da comunidade. As escolas e as crianças passam a dispor do seu próprio material didático e conhecimentos para serem retransmitidos.

No futuro, alunos, crianças e jovens críticos produzirão seu próprio material escolar para melhorar o conhecimento e registro em meio a uma educação intercultural para um mundo melhor. As escolas com muito material para os professores trabalharem, com maior dedicação, possibilidades de estudos e registros dos conhecimentos do mundo passado, presente e futuro nos farão não esquecer os nossos direitos de sermos um povo vivendo entre outros povos.

## 8 REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Frederico César Barbosa de. **Quando resistir é habitar:** lutas pela afirmação territorial dos Kaiabi no baixo Teles Pires, Brasília 2010. ( p.47-49, 53 -56)

Instituto Socioambiental – ISA. **População Kawaiwete**, 1999 e 2012, Instituto Socioambiental – ISA, <http://pib.socioambiental.org>

STUCHI, Francisco Forte. **A Ocupação da Terra Indígena Kaiabi (MT/PA)** História Indígena Etnoarqueologia, São Paulo, 2010.